**Dr. David Turner, Matthew
Aula 6A – Mateus 13:1-23: As Parábolas do Reino I**

Saudações novamente, aqui é David Turner, e esta é a Aula 6A, nossa primeira aula sobre as parábolas do reino, onde introduzimos o discurso parabólico em Mateus 13 e discutimos a passagem até o versículo 23. Nos apressamos um pouco na última fita e nos estendemos um pouco no final. Você pode ter perdido cerca de metade da frase no final, mas o que eu estava dizendo é que se pode entender como as parábolas do capítulo 13 eram adequadas devido ao contexto que encontramos nos capítulos 11 e 12.

À medida que a oposição a Jesus aumenta e se intensifica, e ele é acusado de colaboração com o diabo e de calúnias como essa, é possível imaginar como ele começou a usar as parábolas como meio de comunicar a verdade aos seus discípulos, que têm a oportunidade de ter tudo explicado a eles, e basicamente fechar a porta para aqueles que estavam apenas absorvendo o que ele ensinava, para usá-lo contra eles e inventar calúnias adicionais. Então era para onde eu estava indo no final, quando as coisas foram interrompidas. Você não perdeu nada que fosse tão decisivo, então não há preocupações com isso.

Nesta palestra, não temos muito material para abordar, então podemos abordar as coisas de forma mais informal, e eu não preciso falar tão rápido, e vocês também não precisam ouvir tão rápido, espero. Chegamos a uma das passagens mais marcantes do Evangelho de Mateus, e talvez de todo o Novo Testamento, o discurso parabólico de Jesus, a tão conhecida parábola do semeador . Então, primeiro, ao analisarmos os assuntos aqui, tentaremos apresentar o discurso como um todo, no que diz respeito à sua estrutura e interpretação, as parábolas em geral e, em seguida, Mateus 13 em particular, e então prosseguiremos e discutiremos brevemente a primeira parábola e algumas questões que surgiram na interpretação de Jesus.

Nossa primeira tarefa, então, é entender a estrutura deste discurso, e convido você a consultar não apenas a página 26 do seu material suplementar, que apresenta o esboço da palestra, mas também o material que forneci nas páginas 27 e 28, onde apresentamos algumas das diferentes abordagens à estrutura do discurso, para que você possa ver como elas funcionam. Após mencionar brevemente o contexto do discurso, Mateus narra o terceiro grande discurso de Jesus, em Mateus 13:3 a 52. Lembrem-se agora: o primeiro discurso de Jesus é o Sermão da Montanha, nos capítulos 5 a 7, e o segundo é a comissão dos discípulos para a missão à nação de Israel, em Mateus 10. Ambos os discursos terminam com o comentário característico, quando Jesus termina estas palavras, assim como este discurso em Mateus 13, versículo 53.

Este discurso pode ser visto como tendo duas seções de quatro parábolas cada, se 13:51 e 52 forem corretamente interpretados como uma parábola. Você pode não notar que 13:51 e 52 são uma parábola, mas se você olhar, notará que em 13:52, Jesus usa a fórmula introdutória para uma parábola: todo escriba que se tornou uma família do reino dos céus, todo escriba que se tornou um discípulo do reino dos céus é como o chefe de uma família, e se você apenas olhar a página em sua Bíblia para o versículo 47, onde Jesus diz que o reino dos céus é como uma rede de arrasto, 45, o reino dos céus é como um comerciante, 44, o reino dos céus é como um tesouro. Você percebe que o reino dos céus é como o motivo introdutório, fica claro que 52 é outra das parábolas ou declarações muito breves, que basicamente comparam algo a outra coisa.

Portanto, Mateus 13:51 e 52 devem ser vistos como uma parábola e, se for esse o caso, há duas seções de quatro parábolas cada no Evangelho de Mateus. Em ambas as seções, Jesus responde a uma pergunta dos discípulos sobre parábolas: Mateus 13:10-17 na primeira metade e Mateus 13:36-43 na segunda metade. Entre as duas seções está o comentário editorial de Mateus, que explica como as parábolas são o cumprimento da profecia de Mateus 13:34-35, que se refere ao Salmo 78.

Também é interessante notar que um par de parábolas curtas bastante semelhantes conclui a primeira seção, e o mesmo tipo de par de duas parábolas curtas semelhantes introduz a segunda seção (compare 13:31-33 e 13:44-46). Embora existam pessoas como Hagner que duvidam da existência de qualquer estrutura simétrica no discurso, há pelo menos duas propostas que têm algum mérito. Observe na página 27, no meio, a abordagem de Davies e Allison. Eles sugerem uma estrutura de três partes, com cada parte do discurso começando com uma parábola, continuando com uma introdução, desculpe-me, uma interpretação da parábola e, em seguida, uma discussão mais aprofundada sobre as parábolas.

Assim, eles veem a primeira seção em 13:1-9, contendo a parábola propriamente dita, seguida por uma discussão com a citação bíblica em 10-17, e a interpretação de Jesus em 18:23. Uma segunda série de parábolas é apresentada, discutida e interpretada em 13:24 até 13:43. Um terceiro ciclo é um pouco diferente, porém, 13:44-48, onde temos a parábola do tesouro, da pérola e da rede. Elas são interpretadas em 49 e 50, pelo menos a rede, e então a discussão das parábolas, desculpe-me, em geral em 13:51 e 52.

Essa abordagem é um tanto tentadora. Tem alguma força, mas tende a falhar na seção 3, onde a ordem da discussão e interpretação é invertida; se você notar isso na terceira parte, isso não funciona tão bem. Também não lida tão bem com a situação em que a primeira metade das parábolas é dirigida ao grupo maior de discípulos fora da multidão, 13:2, e o segundo grupo de parábolas, 13:36 e seguintes, é dirigido aos discípulos em uma casa depois que Jesus deixou a multidão; observe 13:36, que deixa isso claro.

Uma abordagem da estrutura que lida um pouco melhor com esse aspecto pode ser encontrada em um artigo de periódico escrito por Wenham em 1979. Acredito que Bromberg fornecerá informações específicas nesse artigo. Wenham apresenta uma estrutura envolvendo quiasmo, ou paralelismo introvertido, em que o foco da estrutura está no meio.

Então, se você estiver olhando suas anotações da página 28, verá bem no meio da página a letra E, que coloca a explicação de Jesus sobre o uso de parábolas, citando o Salmo 78, e a interpretação da parábola do joio no centro deste discurso. De cada lado desse centro, então, você tem os dois pares de parábolas curtas: a do grão de mostarda em 11:4 e a 46. De cada lado dessas, você tem os pares: a parábola do joio, nos capítulos 24 a 30, contrastando o bem e o mal, e a parábola da rede, nos capítulos 47 a 50, que também contrasta o bem e o mal.

Em ambos os lados, então, trabalhando mais adiante, temos no início, perto do início do discurso, em 10 a 23, a pergunta dos discípulos e a resposta de Jesus sobre como o semeador deveria ser interpretado, e respondendo a isso na segunda metade, a pergunta de Jesus e a resposta dos discípulos, observe como isso muda da pergunta deles e sua resposta para a pergunta dele e a resposta deles, sobre a compreensão de parábolas em 51, e é claro que o discurso começa com a parábola do semeador em 1 a 9, e termina com a parábola do dono da casa, aquele treinado para o reino, em oposição ao semeador , que é sobre ouvir a palavra do reino. Agora, a meu ver, esta é uma abordagem bastante útil para a estrutura deste discurso. Jesus, eu não acho, falou de forma aleatória, e certamente Mateus como editor não simplesmente jogou essas parábolas aqui, pois poderíamos fazer uma lista de compras aleatoriamente e apenas escrever as coisas arbitrariamente.

Há ordem, há simetria , há beleza e maravilha estética literária quando observamos como essa passagem funciona. A análise de Onam observa as duas metades do discurso muito bem. Também está correta ao ver a simetria das duas curtas parábolas pareadas da semente de mostarda e do fermento, e do tesouro e da pérola, mas não é tão convincente na maneira como coloca de forma não simétrica as duas interpretações de Jesus das parábolas, 13:10 a 17, a interpretação do semeador , não termina em paralelo com 13:34 a 43, a explicação da parábola do joio no trigo.

Isso poderia ser um problema, suponho. Agora, vamos passar da questão de como Mateus 13 é estruturado para um ou dois breves comentários sobre a interpretação de parábolas em geral. O comentário de Davies e Allison apresenta uma breve e muito útil digressão sobre a interpretação de parábolas, e você pode encontrá-la em vários livros sobre parábolas.

Eu recomendaria fortemente o livro de Kissinger, que oferece uma bibliografia extensa sobre parábolas, bem como um pouco da história da interpretação, assim como o livro de Blomberg sobre as parábolas . É outro excelente texto sobre elas. A história da igreja e a experiência de muitos cristãos testemunham a prevalência de interpretações imaginativas das parábolas de Jesus.

Você pode ter ouvido alguns sermões bem, digamos, malucos sobre isso. Não vou pedir que você confesse se já os pregou. A definição da parábola na Escola Dominical é, felizmente, neste caso, boa.

Uma parábola é, de fato, uma história terrena com um significado celestial. Multidões desses significados celestiais foram sobrepostos às parábolas. Os primeiros pais da igreja, nós os chamamos de povo patrístico, os autores patrísticos tendem a transformar, por exemplo, a parábola do Bom Samaritano, onde um certo homem desceu de Jerusalém para Jericó, como você se lembra, no Evangelho de Lucas, na história de Adão e Eva e sua queda.

Eles desceram, em certo sentido. E se você já investigou isso, pode encontrá-lo em muitos livros sobre as parábolas. É bastante imaginativo, já que a pessoa que desceu para Jericó por acaso é Adão.

Jericó se torna uma cidade que simboliza mortalidade, supostamente devido à etimologia da palavra Jericó, que significa lua, e a lua cresce e mingua. Portanto, simboliza a mortalidade. Os ladrões que atacam Adão são, obviamente, o diabo e seus anjos. O bom samaritano que vem resgatar o homem que foi roubado e espancado não é outro senão o apóstolo Paulo.

Os dois indivíduos que se recusaram a ajudá-lo, o levita e o outro indivíduo, são supostamente símbolos do Antigo Testamento, da Lei e dos Profetas. E assim por diante. Quando o Bom Samaritano leva o homem para a hospedaria, isso se torna uma imagem de Paulo introduzindo a pessoa na igreja.

Não há nada de herético na interpretação, mas ela tem muito pouco a ver com o contexto histórico ou literário da história do Evangelho de Lucas e tende a obscurecer sua verdadeira interpretação. Essa abordagem alegorizante, portanto, tende a atomizar as parábolas. Ela apenas as desmembra, pedaço por pedaço, e não dá atenção à estrutura em que as partes se encontram, segundo o autor dos Evangelhos.

Nos últimos anos, uma abordagem bastante diferente ganhou destaque, chamada crítica de resposta do leitor. A crítica de resposta do leitor enfatiza a reação impulsiva do leitor moderno à parábola, mais uma vez, em vez do contexto histórico ou literário em que ela foi originalmente contada. Portanto, isso pode ser um grande problema.

A crítica da resposta do leitor produz resultados que frequentemente têm apenas uma relação tangencial com a história e o contexto literário da parábola. Há mais de cem anos, em reação aos excessos dos alegorizadores , um estudioso alemão chamado Adolf Jülicher escreveu um livro intitulado Die Gleichnis. leiden Jesu em 1899. Isso significa simplesmente O Ensino Parabólico de Jesus, e muitos outros desde ele argumentaram que as parábolas de Jesus, diferentemente das alegorias, têm apenas um ponto principal.

Mas essa abordagem limitada parece contrária à interpretação que Jesus faz de suas parábolas, como veremos mais adiante, e muito menos à polivalência ou flexibilidade de significado inerente ao uso de histórias por oradores e autores habilidosos. Portanto, parece melhor analisar cada parábola em seu próprio contexto para determinar em que grau seus detalhes terrenos transmitem um significado celestial. Consulte Blomberg e Reichen sobre as parábolas, e acho que esses dois livros, e você encontrará um bom material sobre isso.

Parábolas são de fato alegorias, mas não cabe a nós alegorizá-las. O aspecto alegórico é uma questão que cabe ao autor, não a nós, leitores. Suas imagens devem ser entendidas em termos de suas próprias convenções históricas e literárias antigas, não em termos de categorias estranhas sobrepostas a elas por outros leitores.

As imagens das parábolas de Jesus são extraídas da Palestina do século I, portanto, compreender o contexto histórico é crucial. Também é importante observar o contexto literário, visto que, às vezes, o contexto anterior fornece a chave, já que as imagens parabólicas respondem e se encaixam nos personagens e questões principais da narrativa. Às vezes, também há um comentário geral conclusivo que aplica as imagens parabólicas a uma questão contextual.

Agora, a interpretação de Mateus 13. Ler Mateus 13 em seu contexto parece indicar que Jesus pretendia que suas parábolas revelassem verdades do reino aos seus discípulos e ocultassem essas verdades dos inimigos do reino, 13:10-16. O foco principal das parábolas é a reflexão sobre as diversas respostas à mensagem do reino, 13:19. Assim, o pano de fundo principal das parábolas de Mateus 13 é a crescente oposição a Jesus e à sua mensagem, narrada em Mateus 11 e 12. As parábolas ajudam os discípulos a compreender essa oposição.

O dispensacionalismo clássico erra ao tentar entender as parábolas como se referindo principalmente ao milênio futuro ou como ensinando o mistério do reino rejeitado, oferecido, rejeitado e adiado. Os comentários de Toussaint e Walvoord sobre Mateus adotam essa visão, que eu não defendo. O reino já foi inaugurado em Mateus 3:2, 4:17, 10:7 e especialmente 12:28. As parábolas tratam do seu progresso atual no ministério de Jesus e seus discípulos, bem como de suas glórias futuras.

É claro que sempre podemos aplicar esse contexto histórico a contextos modernos onde a mensagem do Reino ainda está sendo proclamada. Em última análise, os discípulos continuam a missão de Jesus, de acordo com 24:14 e 28:19. Mas precisamos atentar para o fato de que 13:19 nos diz que as parábolas são sobre ouvir a palavra do Reino, a mensagem do Reino. E, claro, o ministério dos discípulos, considerando-os como a igreja em geral, continua até o fim dos tempos, de acordo com 13:39 e 43.

Assim como 24:14 e 28:18 a 20. Agora, passamos para a narrativa de Jesus sobre a parábola do semeador em Mateus 13:1-9. Considerando o contexto do segundo discurso – desculpem-me – desde a conclusão do segundo discurso em 11:1, Mateus enfatizou a repetida rejeição e oposição que Jesus vinha enfrentando. Evidentemente, os discípulos estavam passando pelas mesmas provações em sua própria viagem missionária, 10:18 e 24:25. Evidentemente, João, cujas dúvidas iniciaram esta seção da narrativa, e a própria família de Jesus, que ocupa uma posição diferente da dos discípulos de Jesus no final da narrativa, 13:46-50, não estão totalmente em sintonia com a proclamação do evangelho do Reino.

A conspiração do assassinato dos fariseus em 12:14 indica a oposição implacável dos líderes religiosos ao ministério de Jesus. Assim, o terceiro discurso enfatiza fortemente a reação mista à mensagem do reino e indica que isso continuará até o fim dos tempos, 13:23, 13:30, 13:40-43 e 13:49-50. No fim dos tempos, Deus punirá aqueles que rejeitarem o reino e recompensará aqueles que o receberem. Agora passamos para 13:10-17, quando os discípulos fazem uma pergunta a Jesus.

As parábolas do reino na narrativa de Mateus. O fato de os discípulos perguntarem a Jesus por que ele lhes falava em parábolas implica que se tratava de algo novo, de uma espécie de ruptura em seu ministério. No entanto, alguns levam isso longe demais, sustentando que os judeus haviam rejeitado decisivamente a oferta do reino e que, em resposta, Jesus agora falaria do reino adiado exclusivamente em linguagem misteriosa, que é a interpretação de dispensacionalistas como Toussaint e Walvoord.

Jesus já havia usado imagens parabólicas antes de Mateus 13:7, 24-27, 9:15-17, 11:16-19, 12:29-33, 43-45. Jesus também continuará a falar claramente, sem parábolas, aos descrentes em certas partes da narrativa que se segue. Por exemplo, Mateus 15:3-7, 16:2-4, 19:4-9 e 19:17-22, principalmente em Mateus 21:23.

Portanto, não há bifurcação entre as parábolas não mencionadas antes do 13 e todas as parábolas posteriores ao 13, como o dispensacionalismo às vezes defende aqui. Mas há um sentido real em que Mateus 13 marca uma transição no ministério de Jesus. A oposição de fato atingiu seu ápice em Mateus 12.

Mas o discurso parabólico de Mateus 13 não é um método novo de ensino, visto que Jesus usou parábolas anteriormente, nem é um novo ensinamento sobre um reino adiado. As parábolas de Jesus descrevem a resposta atual de Israel à sua mensagem sobre o reino. Quando seus discípulos adotarem essa mensagem após a morte e ressurreição de Jesus, as parábolas descreverão com a mesma precisão a resposta das nações à sua pregação, até o fim dos tempos.

Nossa discordância aqui com dispensacionalistas como Toussaint e Walvoord não se dá tanto pela natureza decisiva de Mateus 13, mas sim pela questão da natureza do reino e sua presença, principalmente a presença do reino. Agora, a relação das parábolas com a soberania de Deus. Criaturas finitas jamais compreenderão plenamente, mesmo após sua glorificação, a interação entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana.

Mateus 13, versículos 11 a 15, com sua citação de Isaías 6, 9 e 10, é uma das afirmações mais abruptas na Bíblia sobre a prerrogativa de Deus de se revelar a quem quiser. No entanto, essa afirmação não é tão marcante quanto a anterior, em 11:25-27, que fala ainda mais abertamente de Deus ocultando a mensagem do Reino daqueles que, em fingida autonomia, a rejeitam. Mateus 11:27 também vai além de 13:11-15 ao afirmar que Jesus compartilha a prerrogativa divina de revelar o Pai a quem quiser.

Seja como for, só se pode responder a essas afirmações da soberania divina com um espírito de reverência e adoração. E é preciso lembrar que na Bíblia, se não em toda teologia cristã, a soberania de Deus e a responsabilidade das criaturas de Deus andam de mãos dadas. Isso fica claro quando Mateus 11:25-27 é comparado com Mateus 11:28-30, onde a soberania de Deus na oração de Jesus é diretamente seguida por seu apelo para que as pessoas venham a Ele na exortação de Mateus 11:28-30. Também em Mateus 16:15-17, onde Pedro voluntariamente faz uma confissão sobre Jesus, mas Jesus lhe diz que Deus lhe revelou essa verdade e que não é sua própria iniciativa.

Também fica claro que aqueles a quem Deus rejeita soberanamente são aqueles que O rejeitam voluntariamente. Deus não lança pérolas aos porcos, 7.6. A doutrina da eleição soberana de Deus, como diz o ditado, conforta os afligidos pelo pecado e aflige os que se sentem confortáveis com o pecado. Também garante que a pregação da mensagem do Reino será acompanhada da bênção de Deus, levando as pessoas à fé.

Deus trará o seu povo para si. Sim, se você só agora percebeu, admito que sou calvinista. Como diz o ditado, processe-me.

Passemos agora à explicação de Jesus sobre as parábolas do semeador em Mateus 13:18-23. Como observado acima na introdução a Mateus 13, a interpretação detalhada de Jesus da parábola do semeador invalida a ideia popular de que uma parábola tem apenas um ponto de referência à realidade. A visão de Eulicher , que tem recebido grande atenção nos círculos evangélicos, e muitos livros de hermenêutica dirão que só é permitido encontrar um ponto real em uma parábola. Uma pena que Jesus não tenha lido esses livros.

Embora o ponto central de uma parábola seja claramente a recepção da mensagem do Reino, vários detalhes significativos acrescentam profundidade e detalhes a esse ponto central. Evidentemente, o próprio Jesus é o semeador , mas a parábola tem aplicação imediata ao ministério dos discípulos, à medida que semeiam a semente, à medida que saem e pregam a mensagem do Reino. E tem aplicação final à proclamação posterior do Evangelho de Cristo pela Igreja, após a cruz.

Os três primeiros tipos de solo, para chegarmos agora à interpretação de Jesus da parábola, apresentam sucessivamente três fatores que impedem a recepção da mensagem do reino: Satanás, perseguição e ganância. A oposição satânica é retratada como eficaz quando a semente cai em solo duro à beira do caminho, o que provavelmente representa corações endurecidos tanto pelo pecado humano quanto pelo abandono divino. Veja 13:15 e compare com 9:4, 12:34, 15:8, 18:19 e 24:48. A perseguição é eficaz quando há uma recepção imediata e alegre da mensagem, evidentemente uma resposta puramente emocional, sem a raiz da compreensão intelectual, 13:21. A ganância e as preocupações seculares também são eficazes em frustrar a recepção da mensagem do reino, evidentemente quando as exigências do discipulado confrontam um estilo de vida materialista, 13:22. Compare 6:19-34, 16:24-26 e 19:23. Diante disso, os pregadores do Evangelho farão bem em alertar seus ouvintes sobre o perigo eterno de ter um coração endurecido para Deus, mas dócil a Satanás. Da mesma forma, um coração aberto a influências emocionais superficiais, mas fechado a uma compreensão profunda do Reino, facilmente se afasta de Deus quando surgem problemas.

Por fim, um coração que se deixa facilmente atrair por preocupações mundanas e riquezas é um coração que logo se distrai da mensagem do Reino. Esses assuntos solenes raramente são ouvidos em muitos púlpitos. Outra questão crucial aqui é se apenas a boa terra mencionada em 13:23 representa um discípulo genuíno do Reino ou se outros que não dão fruto devem ser vistos como discípulos genuínos, embora improdutivos.

Esta é a chamada controvérsia da salvação pelo senhorio . Há aqueles que se autodenominam calvinistas que creem em algo chamado segurança eterna, às vezes parodiado como "uma vez salvo, sempre salvo". Isso os leva a concluir que qualquer recepção do evangelho, mesmo quando frustrada por Satanás, perseguição ou mundanismo, equivale a uma recepção genuína que infalivelmente leva à eternidade com Deus.

Esses tipos de intérpretes interpretariam todos os diferentes tipos de solo em Mateus 13, talvez com exceção do primeiro, como indicativos de conversão genuína. Mas, na minha opinião, isso não se aplica a Mateus, que nos ensina consistentemente que o fruto é um teste do discipulado genuíno. Observe em Mateus 3:8-10 as palavras de João Batista nesse sentido, confrontando os fariseus e saduceus.

Observe também 7:16-20, a maneira como você distingue um profeta verdadeiro de um falso. Observe 12:33, onde não havia fruto entre os contemporâneos de Jesus. 21:19, na parábola dos lavradores perversos.

Também na mesma parábola, 21, 34, 41 e 43. Portanto, o fruto é necessário para que alguém seja visto como um discípulo genuíno em Mateus. Por outro lado, também é importante notar que há graus na produção de frutos, de acordo com Mateus 13:23. Alguns 30, alguns 60, alguns 100.

Este é um fator que deveria levar aqueles que enfatizam o discipulado, como eu, a evitar o legalismo e o perfeccionismo. Não podemos estabelecer padrões humanos para o discipulado e condenar autoritariamente os aspirantes a discípulos como descrentes. Tampouco podemos esperar um discipulado maduro da noite para o dia, por assim dizer, visto que a piedade, assim como a frutificação, envolve um período de crescimento antes que possa haver uma colheita.

Portanto, embora eu conclua que somente o solo bom que recebe a semente e dá fruto é um exemplo de verdadeira conversão, eu seria muito cauteloso em aplicar isso de forma tão rigorosa e estabelecer nossos próprios padrões humanos legalistas para definir se alguém é verdadeiramente um discípulo ou não. Precisamos ir com calma nisso. Portanto, precisamos equilibrar a ideia de que a salvação é pela graça de Deus com a ideia de que aqueles que creem em Deus aceitarão Jesus como Senhor e iniciarão um processo de seguir Seus passos.

Para concluir a palestra sobre Mateus 13 até o versículo 23, notamos que ela fornece uma explicação para a rejeição sofrida por Jesus em Mateus 11 e 12. A mensagem chegou a muitos, mas relativamente poucos a receberam e deram frutos. A próxima parábola em sua interpretação, a parábola do joio e do trigo, deixará claro que essa resposta mista ao reino continuará até o fim dos tempos.

Essa explicação é encontrada mais obviamente na maldade e na descrença dos humanos e nos esquemas de Satanás, mas, em última análise, será explicada no misterioso propósito soberano de Deus.